



## PAISAGEM E ENSINO DE GEOGRAFIA: POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A REFORMA DO PENSAMENTO

**Christiano Corrêa Teixeira<sup>1</sup>**

christiano.teixeira@ufrgs.br

**Lânderson Antória Barros**

landerson-barros@hotmail.com

### Resumo

*A prática educativa ancora-se na ideia de condição humana proposta por Edgar Morin. Por meio do estudo e reflexão sobre a paisagem, com um grupo de vinte e oito alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, propõe desenvolver com os alunos, à luz do Paradigma da Complexidade, a noção de unicidade entre sujeito-planeta-sociedade. Para tanto, foi desenvolvida uma atividade utilizando-se de fotografias e interpretação/leitura da paisagem retratada. A análise se baseia nos relatos produzidos pelos alunos das fotografias dos colegas, onde selecionamos algumas palavras que se destacaram, tanto em termos de ocorrência como pela sua significância. Em nossa leitura a paisagem como expressão da espacialidade, se mostra um instrumento que possibilita tecituras entre as abordagens para a construção de uma noção de condição humana e a valorização da Geografia.*

**Palavras-chave:** Paisagem, Complexidade, Ensino de geografia.

### Introdução

A presente prática educativa se origina de nossas reflexões e, também, da prática docente. Inúmeras ideias aqui expostas são o resultado de debates e discussões realizadas em

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor da Educação Básica em Porto Alegre – RS.

Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFRGS. Professor do Departamento de Ensino e Currículo da FAGED/UFRGS

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorado financiado pela CAPES.



nosso grupo de pesquisa<sup>2</sup>. O presente texto se propõe a refletir como o ensino da geografia, através da paisagem, pode contribuir para a reforma do pensamento sob a perspectiva da condição humana (MORIN, 2003b). Para tanto, realizamos uma atividade com alunos de uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, na qual eles são provocados a fotografarem e descreverem uma paisagem de sua escolha para posterior reflexão e textualização. Pensamos que esta atividade poderá iniciar nestes jovens um olhar diferenciado sobre o que concebem como paisagem e as relações decorrentes dessa possível mudança de perspectiva, e assim através das espacialidades entenderem o mundo provisoriamente.

Esta proposta está analisada sob o Paradigma da Complexidade (MORIN, 2000, 2003a, 2005) e apoiada nos conceitos de paisagem trabalhados pelos autores Berque (1998), Dardel (2011) e Verdum (2012).

## Referencial Teórico

### Paisagem

Quando pensamos em paisagem uma série de conceitos e definições, com os quais nos deparamos durante nossa caminhada, são repassados. Atualmente, em nosso entendimento, a paisagem é uma espacialidade, sendo resultado de tessituras entre arranjos espaciais, lugar, escala e localização. A presente e breve definição vêm sendo trabalhada por nós e será objeto de futuras publicações.

O conceito de paisagem em Geografia inicia-se com os clássicos. É com Von Humboldt (1796-1859), naturalista alemão dos séculos XVIII e XIX, e seu contemporâneo Carl Ritter (1779-1859), que a concepção de paisagem começa a estruturar-se. Ambos concebiam a paisagem como um fenômeno a ser descrito, não havia a compreensão de unidade homem-natureza, com a ressalva de que Ritter possuía uma visão antropocêntrica, ou seja, o homem era sujeito da natureza. A ideia de uma paisagem estática começa a se modificar com Vidal de La Blache (1845-1918) na segunda metade do século XIX. Para esse geógrafo, o homem era um ser ativo, que transformava o meio segundo suas necessidades, já seu contemporâneo Ratzel

---

<sup>2</sup> O referido grupo de pesquisa desenvolve práticas educativas relacionando a paisagem com a Base Nacional Comum Curricular. O grupo é orientado pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni com a participação de seus orientandos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

(1844-1904), possuía uma visão determinista, onde o homem era resultado do meio em que vivia.

O conceito de paisagem vem sendo lapidado ao longo do tempo. À medida que os estudos geográficos vão sendo desenvolvidos por diversos pesquisadores ao redor do mundo, e sendo influenciados por várias correntes do pensamento humano, há uma multiplicidade de interpretações e leitura do que é paisagem. A Geografia Cultural com Berque aprofunda a concepção de que a paisagem é produto de uma cultura, para tanto, o autor afirma que a paisagem é marca e matriz. É marca na medida em que expressa uma civilização, e é matriz, pois contribui na concepção e representação (cultura) do espaço. Para tanto, argumenta que:

É preciso compreendermos a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. E por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência (BERQUE, 1998, p. 86).

A ideia que Berque traz sobre paisagem remete-nos à recursividade de Morin (2005). Ao considerar a paisagem como produto (marca) da ação de uma cultura e como produtor (matriz), observamos uma autoprodução da paisagem no pensamento do autor. Essas inter-relações exprimem a complexidade que está presente na constituição da paisagem e o caráter simbólico que carrega.

Assim como a Geografia Cultural contribui com a perspectiva da cultura na produção da paisagem, a fenomenologia também participa desta lapidação conceitual. A fenomenologia na Geografia tem em Eric Dardel um de seus autores mais singulares. Dotado de uma escrita particular e até mesmo poética, Dardel (2011) analisa a paisagem de uma perspectiva intimista, particular, do indivíduo. Para ele, a Geografia pode ser a maneira pela qual o homem, individualmente ou coletivamente, exprime seu Ser no mundo, a maneira de se encontrar. É através de como constrói e transforma a paisagem que o sujeito fala de si:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2011, p. 31)



Segundo Dardel (2011), a paisagem não é meramente contemplativa ou uma justaposição de elementos, constitui uma fala de sujeitos para sujeitos. Dos homens do passado para os homens do presente. Traduz espacialmente os conflitos de sua época, é a manifestação do sujeito no mundo, “a paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma a forma de ausência. Ela fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspecta e atarefada.” (DARDEL, 2011, p.32). Então, a contribuição que o autor nos dá, vai além do ser humano como social e coletivo, é a expressão do sujeito com a sua morada, o seu planeta.

Com outra luneta, pensamos que Verdum (2012) apresenta uma ideia, para nós neste momento, apropriada de paisagem, pois ao fundir elementos materiais da paisagem com a subjetividade individual e coletiva, consegue transitar do concreto ao abstrato com propriedade. Pontua que:

[...] a paisagem é o concreto, ou seja, a coisa real, mas, ao mesmo tempo, é a imaginação, a representação destas coisas, as imagens. Cada um de nós, de acordo com nossa trajetória, nossa consciência, experiência, vê as paisagens de forma diferente e única. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e olhares, mas estes olhares estão concebidos a partir de uma matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana (VERDUM, 2012, p.18).

Ainda segundo o autor, a paisagem “é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza. Neste sentido, a paisagem mostra a história da comunidade de um determinado lugar” (VERDUM, 2012, p. 21). Com este olhar a paisagem é uma síntese, uma abstração das imagens vistas/sentidas do que nossos sentidos numa temporalidade podem atribuir sentido! Ela não é plana, mas tem texturas e nuances que provocam a alma do imaginário, despertada pelas suas formas, derivadas dos arranjos dinâmicos que são resultados temporários dos processos que constituem o Espaço Geográfico.

## **O Paradigma da Complexidade e a condição humana**

A questão que se apresenta diante de nós é desafiadora: Como superar o conhecimento fragmentado e repleto de verdades e certezas? A resposta só poderá ser vislumbrada com uma

reforma do pensamento. O pensamento a ser superado é a racionalidade fragmentadora e simplificadora que reduz o conhecimento a uma série de ciências e saberes que não vislumbram as conexões existentes, é uma espécie de antolhos do conhecimento. Esta racionalidade deve ser suplantada por um pensamento complexo. Este, aberto às incertezas, aceita a ordem e a desordem, é dialógico; que nas palavras de Morin (2005)

[...] a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza..." (MORIN, 2005, p. 13)

Sendo assim, para que possamos pensar de modo complexo, o autor sinaliza alguns princípios para fazer ciência com consciência e ler o mundo provisoriamente. Dentre os princípios destacados por Morin (2003a) está o Princípio da Recursão Organizacional. Este princípio pondera que os processos recursivos são ao mesmo tempo causa e efeito, produto e produtor. O sujeito é produto da sociedade em que vive, mas na mesma medida, a sociedade é produzida pelos sujeitos. O pensamento recursivo pretende romper com a linearidade, concebe a auto-organização, a autoprodução, em um vai-e-vem-e-vai constante.

Na esteira do desenvolvimento de um pensamento complexo, Morin (2003b) aponta que o ensino no século XXI deve promover o que ele chama de a condição humana. Nesta perspectiva, o Ser Humano deve ser concebido como um ser múltiplo, constituído e constituindo a sociedade e o espaço em que habita. Por isso, desenvolver a noção de que somos parte – nem acima, nem abaixo, apenas parte - de um sistema maior, e que interferimos na mesma medida em que somos afetados pelas mudanças ocorridas neste ambiente do qual participamos. E isto se dá em diferentes escalas, desde a escala universal até o íntimo do sujeito, seus sentimentos.

Assim, para que se ensine sob a perspectiva da condição humana, Morin (2003b) propõe que analisemos os sujeitos sob três aspectos: i) cultura científica, ii) ciências humanas e iii) cultura das humanidades. Em relação à cultura científica, a abordagem deve caminhar em busca da compreensão de que a Terra é a totalidade complexa físico-biológica-antropológica. Neste sentido, a formação de uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana, e



que a humanidade é fruto das relações cósmicas que organizaram a Terra, e esta produziu a vida, só aí existe a humanidade, ou seja, a formação do planeta precede a nossa existência, somos (também) fruto da explosão do cosmos. Em ciências humanas, o conhecimento pode convergir para o estudo da relação indivíduo/espécie/sociedade, uma concepção de unicidade do sujeito em suas diversas faces, como sujeito pertencente a uma espécie que convive em sociedade. Por fim, em a cultura das humanidades, privilegiar um estudo artístico para tentar compreender o que expressam os sentimentos mais profundos de um sujeito. E a linguagem é, talvez, uma das expressões máximas, pois possibilita a expressão daquilo que se pretende de modo que outros possam compreender e, se assim desejarem, estabelecer uma relação de aproximação ou distanciamento do pensamento.

### **Caminhos Investigativos**

Pensamos que o presente trabalho se constitui de uma Pesquisa Qualitativa, pois segundo Flick, “a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (2007, p.28). Então, se procuramos entender o olhar destes jovens sobre a paisagem, este traçado de pesquisa, pensamos, é o mais apropriado para a tarefa à qual nos propusemos.

Estruturamos o nosso trabalho da seguinte forma:

- Solicitamos que cada um dos alunos fotografasse uma paisagem a sua escolha e escrevessem um parágrafo sobre ela. Este manuscrito é uma descrição da intencionalidade do autor da foto e dos sentimentos que ela evoca;
- Em seguida, os alunos trocam a fotografia com um colega e escrevem um pequeno texto contendo as suas impressões sobre a paisagem do colega, tentando compreender o que ele quis captar, a sua intenção, que sentimentos evocam e possíveis observações particulares;
- Após, devem entregar ao autor da fotografia o seu manuscrito e este deve comparar com o que ele próprio escreveu sobre a sua paisagem, buscando aproximações e distanciamentos;
- Ao fim deste processo, promovemos o debate sobre as impressões de cada um, o que mais chamou a atenção na observação do colega. Buscamos aqui instigá-los a pensar o

que o colega quis retratar e o porquê. Assim, pensamos que eles próprios podem traçar paralelos entre os seus trabalhos, do mesmo modo que os distanciamos entre as intencionalidades podem emergir.

### Considerações Provisórias

Ao aplicarmos a proposta com vinte e oito alunos de um oitavo ano do Ensino Fundamental numa escola em Porto Alegre, com idades entre treze e quatorze anos, podemos observar alguns pontos importantes em suas compreensões sobre a paisagem e os sentimentos que ela pode evocar nos sujeitos evidenciando espacialidades.

Primeiramente, pensamos que seja importante destacar que nem todos os estudantes realizaram a tarefa solicitada. É de praxe que sempre alguns alunos esqueçam-se de fazer o solicitado ou esqueçam em casa a imagem e a descrição. Creditamos esses percalços à idade em que se encontram e certa falta de visão participativa num trabalho em grupo. Um momento de mudanças corporais e comportamentais com a descoberta da sexualidade, questões de aceitação individual e coletiva e, às vezes, problemas familiares. É nesta idade em que as contestações à sociedade e a autoridade (no caso o professor) se iniciam, e não realizar uma tarefa solicitada é uma medida de afirmação! Pois em seu imaginário, é ELE quem tem que decidir o que fazer, como fazer e quando fazer. Em algum, ou alguns momentos, também fomos assim. Ressaltamos que a maioria dos estudantes realizou a tarefa, para a alegria do professor-pesquisador-aluno. Após estas breves linhas de divagações sobre a juventude, retornemos ao nosso propósito.

As imagens foram fotografadas por eles utilizando os seus *smartphones*, uma estratégia para incluir algo do seu cotidiano e que tanto gostam em sala de aula. As paisagens trazidas por eles, em sua maioria, continham um elemento em comum: a natureza. Não obstante, uma breve discussão sobre paisagem e a sua composição foi realizada, a fim de minimizar este ocorrido e desfazer a postura apenas sublime da paisagem.

A natureza como sinônimo de paisagem não é algo inédito. Está presente no imaginário social e compõe a compreensão do que seja paisagem no senso comum, mas algumas ressalvas podemos realizar sobre as imagens captadas: uma composição de elementos humanizados e



naturais. Muitos alunos trouxeram paisagens compostas inclusive por pessoas, o que podemos inferir que uma noção de paisagem mais complexa está sendo construída por estes estudantes, como podemos observar na figura1.

**Figura 1**





Exemplo de fotografia retirada pelos alunos onde é possível perceber que diversos elementos são considerados na composição da paisagem.

Fonte: A.L.G. cedida para o autor.

No entanto, o que mais podemos destacar foram as descrições realizadas por eles. Nos relatos, ressaltamos as palavras que obtiveram mais ocorrências e aquelas que se destacaram por sua singularidade. Estas palavras são significativas, pois estão na seara da cultura das humanidades, onde as palavras expressam os sentimentos dos sujeitos em relação ao ambiente/exterior.

### Quadro 1

---

**Palavras de grande ocorrência**

**Palavras significativas**

---



- |                 |              |
|-----------------|--------------|
| • Beleza        | • Poluição   |
| • Natureza      | • Degradação |
| • Belo          | • Lembranças |
| • Calma         | • Dia-a-dia  |
| • Tranquilidade | • Melancolia |
| • Pôr-do-sol    | • Solidão    |

Fonte: O autor.

Em relação às palavras de grande ocorrência, já mencionamos a natureza como elemento de destaque em suas imagens e descrições. Na mesma medida, a beleza e o belo estão intimamente relacionados com a natureza e emergem nas descrições sobre a última. Carecendo de linhas e uma análise mais aprofundada, o que poderá ser abordado em um trabalho futuro, as palavras calma e tranquilidade estão sempre relacionadas com a natureza e por vezes com o belo e a beleza, como podemos observar no relato a seguir da estudante M.C.: *“Eu amo a água, o sol, molhar os pés em um dia quente, sentar nas rochas, eu me sinto feliz. O sol no meu rosto é a melhor coisa, sempre tenho boas lembranças quando vou à praia e piso na areia, e essa imagem me traz essas boas lembranças”*. Podemos notar que a estudante relaciona a sua imagem com momentos relevantes em sua vida, a paisagem em questão é carregada de significados para ela. Deste modo, a cultura científica pode reforçar ou estabelecer relações conscientes de pertencimento à Terra?

Outro aspecto que merece destaque é o pôr-do-sol. Sendo uma escola localizada em Porto Alegre-RS e os estudantes em sua maioria residentes nessa capital, o pôr-do-sol no Lago Guaíba foi uma das paisagens mais registradas por eles, pois o crepúsculo junto ao lago é um dos cartões-postais da cidade e representa para parte de sua população algo belo, digno de orgulho. Além dos sentimentos despertados pelo pôr-do-sol no lago, também observamos que esta paisagem pode ser um momento de intimidade e reflexão, assim como de apego ao momento, como podemos observar no texto da estudante N.M.: *“O tempo, porque ele passa devagar quando estamos pensando em nada e estamos sozinhos (aqui ela desenha um coração) esse lugar é o gasômetro também no final de tarde no pôr-do-sol”*. Apesar da descrição, o que nos chamou a atenção foi a utilização da figura de um coração no texto. Talvez por falta de

um vocabulário mais extenso ou da incapacidade de expressar o sentimento por meio das palavras, ela recorre ao pictórico para demonstrar os seus sentimentos. Também podemos notar que a paisagem possui um componente temporal para ela. Seria esta paisagem um momento de fuga do cotidiano?

No sentido oposto ao que observamos até o momento, a paisagem também pode evocar sentimentos opostos aos descritos. Este fato fica evidente na análise da estudante E.A. sobre a paisagem de um colega, ela é constituída majoritariamente de elementos urbanos e foi analisada assim: *“Essa paisagem me trás frieza, é um paisagem cheia de carros, as ruas é poluída por lixos, tem poucas árvores, não tem silêncio, é cheia de barulhos de carros passando e etc”*

No relato anterior, possuímos alguns elementos relevantes para a uma análise. Primeiramente a sensação de frieza é o que chamou nossa atenção, pois transparece que o ambiente urbano não é acolhedor e de certa forma a incomoda. Ainda que habite uma cidade, esta jovem parece desconfortável nesta situação. Uma espécie de Arcadismo do século XXI? Outro ponto que merece destaque são os sons. Para ela a paisagem possui barulhos e é muito ruidosa, mas sendo uma imagem não possui sons. Para Schafer (2001) a paisagem também é constituída por sons, o que ele define por paisagens sonoras: um conjunto de sons que formam um ambiente distinguível. Então, mesmo que para a estudante a paisagem esteja na imagem, os seus referenciais de vida constroem ou suplementam aquilo que vê com outros sentidos.

Nos relatos anteriores se entrecruzam as palavras de grande ocorrência e as palavras significativas. Dentre as significativas não mencionadas, o dia-a-dia, ou seja, o cotidiano, a rotina apreça nas descrições. Para muitos, a imagem de uma cidade é rotineira, a vivência os cega. Em sendo imagens que observam em seus deslocamentos pela cidade, os estudantes não se atentam aos detalhes, não conseguem fazer um relato mais minucioso, pois aquilo que está posto não é percebido como “paisagem” dado que muitos elementos são ordinários em suas vidas. Ainda no campo das palavras significativas, melancolia e solidão estão atreladas às paisagens sem a presença humana, mas também a imagens que não expressam o movimento esperado. Estas palavras apareceram relacionadas com fotografias de ruas vazias, sem transeuntes e automóveis, seria uma espécie de desconforto por parte dos alunos em observar algo do cotidiano em uma situação incomum? Este fato nos faz pensar: elementos ausentes em situações nas quais eram esperados, produzem sentimentos em relação à paisagem?



### Considerações (não tão) finais

A utilização da paisagem como elemento didático se apresentou de grande valia e de múltiplas abordagens. As espacialidades podem ser observadas na composição de uma paisagem e trabalhadas no ensino de geografia sob diversos aspectos: arranjos espaciais, lugar, urbanização, etc.

No entanto, a tarefa de ligar os diferentes pontos que compõem uma paisagem é uma tarefa árdua, sobretudo quando a multiplicidade de aspectos parece divergir, cabe ao professor religá-los. A paisagem, em nosso entendimento, pode auxiliar na construção de uma noção de condição humana, dada a já referida multiplicidade de elementos que a paisagem comporta.

Ao tecermos as relações planeta-sujeito-sociedade, tendo a paisagem como instrumento desse processo, podemos trazer para o ensino de geografia a possibilidade de contribuir na reforma do pensamento e erigir paradigmas na relação natureza x sociedade, com a incorporação do sujeito, do indivíduo? Pensamos, neste momento, que quando o sujeito é também colocado como elemento fundamental na relação com todos os habitantes do planeta, chamamos os indivíduos ao protagonismo na mudança social e ambiental, na medida em que se desnudam do seu ser social e coletivo que está sob o *ombrelone* que é a sociedade.

### Lentes que norteiam nosso caminho

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 84-91. Tradução : Ednês Vasconcelos e Anne-Marie Milon Oliveira.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. 312 p. Trad. Sandra Netz.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para navegar no século XXI**: Tecnologias do imaginário e cibercultura. 3. ed. Porto Alegre: Edipurs/sulina, 2003a. p. 13-38. Trad. Juremir Machado da Silva.

\_\_\_\_\_, Edgar. **Os Sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Brasília: Cortez, 2000. 118 p. Tradução :Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya



\_\_\_\_\_, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005. 120 p. Tradução: Eliane Lisboa.

\_\_\_\_\_, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b. 128 p. Tradução: Eloá Jacobina.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**: Uma exploração pioneira pela história passada pelo atual do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora Unesp, 2001. 381 p. Tradução: Maria T. Fonterrada.

VERDUM, Roberto. Perceber e conceber paisagem. In: VERDUM, Roberto et al (Org.). **Paisagem**: leituras, significados e transformações. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 15-22.